

# Interpretação simultânea intermodal da Libras para o português em conferência acadêmica: em foco os nomes próprios nacionais ou nacionalizados de pessoas

Eduardo Andrade Gomes\*

## Introdução

Os Estudos da Interpretação (EI), desde a década de 1970, vêm postulando a sua legitimação enquanto campo (inter)disciplinar independente dos Estudos da Tradução, e galgando espaço para tal, uma vez que a centralidade, a instrumentalidade e a pluralidade teórica e metodológica do seu objeto de investigação lhe possibilitam tal feito. Conforme Wang (2018), a interpretação é considerada uma atividade de reformulação linguístico-cultural que enlaça, dentre outros, as interações comunicativas, sociais e textuais entre os agentes envolvidos e os contextos nos quais estão imersos.

Gile (2009a), um dos defensores e vanguardistas desse campo, salienta que esse movimento instituiu e conquistou contornos um pouco mais tonificados ao discutir e fomentar, ainda que sob um viés mais prático, a atuação e a formação de intérpretes de conferência em modalidade<sup>1</sup> de interpretação simultânea (IS). Inclusive, por um longo período, diante do seu prestígio, da sua formalidade e das experiências vividas pelos próprios profissionais, a interpretação de conferência tentou se firmar como um elemento particular.

---

\* Doutorando em Linguística Aplicada (Estudos da Tradução), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

<sup>1</sup> Neste artigo, a palavra “modalidade” comporta três significações. Esta primeira se alinha ao modo como a interpretação é concebida e executada. A segunda inscreve-se nos sistemas e canais de produção e de percepção linguística. A terceira aplica-se à materialidade e ao uso efêmero e interpessoal das línguas.

Essas iniciativas se detinham, talvez exclusivamente, em problematizar as interpretações intramodais (i.e., processos que ocorrem entre línguas de mesma modalidade) vocais-auditivas. Contudo, embora por muitos desprestigiadas acadêmica, linguística e socialmente nesse período, as línguas de sinais sempre estiveram presentes na interpretação, em função, principalmente, da condição de realização dessa tarefa e da ausência de registros documentais como sucede, contrastivamente, com os produtos tradutórios.

Nascimento (2016) observa que a interpretação envolvendo línguas de sinais, seja nos pares linguísticos intramodais gestuais-visuais, seja em intermodais (i.e., processos que ocorrem entre línguas de distinta modalidade) principiou a sua vinculação aos EI pelo caráter intrassocial, uma vez que o público surdo, berço dessas línguas, era altamente marginalizado sob a perspectiva do capacitismo e da deficiência. Assim, (in)conscientemente, compilou-se, no mesmo campo, uma verticalidade entre a interpretação de conferência realizada entre pares de línguas vocais-auditivas e a interpretação comunitária entre pares linguísticos intermodais ou intramodais gestuais-visuais.

No entanto, ainda que possa existir uma disparidade entre as línguas de trabalho nos EI, como denuncia Pereira (2018), Carneiro (2017) nota que, na contemporaneidade, as línguas de sinais, assim como os seus falantes, têm assumido constante e intensa participação nas interpretações em conferências. Enquanto isso, principalmente em razão das situações de refúgio e de asilo que o mundo testemunha, a interpretação comunitária entre línguas vocais despontou-se.

Ainda, Rodrigues e Beer (2015) e Gile (2020) frisam que as línguas gestuais-visuais têm ofertado importantes considerações e inquietações para os Estudos da Interpretação, sendo a modalidade de língua e os seus (não) efeitos uma das razões para tal.

É nesse escopo dos EI que o presente artigo se instala, debatendo, na primeira seção, a interpretação simultânea e a intermodalidade envolvida no par linguístico Língua Brasileira de Sinais (Libras)-português, ambas em modalidade oral de uso, e, na segunda, a constituição de nomes próprios de pessoas e o seu uso na IS. Na sequência, a abordagem e os procedimentos metodológicos são apresentados e descritos para, na quarta seção, os resultados serem evidenciados e discutidos. Para concluir, a quinta seção ocupa-se com as considerações finais.

## 1. A interpretação simultânea (intermodal)

A interpretação simultânea é uma modalidade profusamente empregada em vários contextos e situações. Figura-se como uma atividade que se iniciou no âmbito de conferência, alcançando visibilidade nos Julgamentos de Nuremberg em 1945, possuindo uma dinâmica de trabalho compatível e registrada, até aquele momento, somente a esse ambiente. Por esse motivo, Setton e Dawrant (2016) destacam que a IS foi vislumbrada, durante muito tempo, como sinônimo desse espaço de atuação (i.e., conferência).

Para Chernov (2004), o bojo da IS reside na dissimilitude temporal, mesmo que mínima, entre a mensagem emitida em uma língua e a sua reformulação pelo intérprete em outra, quando os processos são interlinguísticos. Esse período entre o recebimento do texto-fonte e o *delivery* (i.e., entrega) do texto-alvo, segundo Pagura (2015), configura-se como o tempo de que o intérprete precisa para compreender as informações às quais foi exposto e os sentidos exprimidos por elas, processá-las e (re)expressá-las na língua-alvo. Assim, Seeber (2011, p. 185) realça que a IS “não implica na simultaneidade da compreensão e da produção de um mesmo constituinte da sentença, mas na sobreposição temporal geral da compreensão e da produção linguística”.<sup>2</sup>

A formatação e o encaminhamento da interpretação simultânea, por si só, revela uma condição extrema de bilinguismo à qual o intérprete está exposto, implicando, portanto, em um elevado processamento cognitivo. Nesse sentido, com o propósito didático e explicativo de colaborar para o entendimento e o aperfeiçoamento da IS na formação de intérpretes de conferência, em específico, e desabastecido de quaisquer posicionamentos descritivos ou ancorados na psicologia cognitiva e na neurociência, Gile (2009b) propôs o *Effort Models*<sup>3</sup> (i.e., Modelo dos Esforços), periodicamente revisitado e atualizado pelo autor (GILE, 2020). Esse Modelo abarca quatro esforços cognitivos dispendidos, sincronicamente, durante a atividade interpretativa simultânea. Tais esforços podem ser considerados elementos envolvidos por

---

<sup>2</sup> Minha tradução de “does not imply the simultaneity of the comprehension and production of one and the same sentence constituent, but the general temporal overlap of language comprehension and language production”.

<sup>3</sup> O Modelo dos Esforços contempla também outras modalidades de interpretação. Entretanto, conforme o funcionamento de cada uma delas, esforços distintos serão mobilizados.

ações cognitivamente competitivas que impetram decisões, a partir da disponibilidade ou não de recursos.

O primeiro deles é a audição e análise (AA) na qual perscruta o momento específico para o entendimento da mensagem na língua-fonte, desde a detecção dos signos verbais até a tomada de decisão quanto ao seu sentido. O segundo esforço é a memória de curto prazo (M), que se dedica à retenção e à concessão de informações da mensagem na língua-fonte para serem reformuladas à língua-alvo, sendo compartilhada tanto na fase de AA quanto na de produção. O terceiro esforço se ocupa com a produção (P), fase em que as informações são manifestadas na língua-alvo, admitindo a sistematização enunciativa dessa outra língua. Objetivando ordenar e monitorar balanceada e simultaneamente todos os três esforços supracitados, tem-se o último, de coordenação (C), que a própria literatura da área e de outras, como as ciências cognitivas, ainda debate quanto à operacionalização desse esforço. Em suma, esse processo é representado por  $IS=AA+M+P+C$ , na qual a reunião dos mesmos é apontada em forma aditiva ampla e não, necessariamente, aritmética.

De acordo com Gile (2009b), os intérpretes sempre operam em meio à capacidade disponível e à capacidade total de processamento. Nesse sentido, caso ultrapassem esse limite, o processo e, conseqüentemente, o produto interpretativo serão afetados. Essa constante atuação via raia de processamento é tida como Hipótese da Corda Bamba (i.e., *Tightrope Hypothesis*), proposta, também, de maneira holística e intuitiva pelo autor. Além disso, caso o profissional priorize, independentemente de qual seja o motivo, algum dos quatro esforços supracitados, os demais poderão ser comprometidos.

Fundamentada nesse Modelo, pensado inicialmente para os processos interpretativos intramodais vocais-auditivos, Pointurier-Pournin (2014) alvitra um específico para a interpretação simultânea intermodal da língua vocal-auditiva para a gestual-visual.

Diante dessa peculiaridade, pontua-se a alteração do esforço AA para a recepção (R), que incorpora o ato de ouvir ou ver e avaliar/analisar a mensagem da língua-fonte. Adiciona-se a autogestão no espaço (AGE) incluindo a disposição e o posicionamento físico do profissional para que ele se coloque em um local visível ao público-alvo e otimizado em relação ao acesso do texto-fonte. Como todo o Modelo, esse esforço também pode ser estendido

para a direção da língua de sinais para a língua vocal, visto que é importante o intérprete conseguir visualizar bem o orador e a sua respectiva produção em sinais. Há, ainda, o esforço da interação imediata com as pessoas surdas (IIS), que se conduz à interação que os surdos cultivam no espaço, seja consigo, seja com o próprio público, seja com o intérprete, rogando atenção a todas essas possibilidades. Além desses, os esforços M, P e C são mantidos. Dessa forma, a equação para a formulação do referido Modelo, também com um viés aditivo, seria  $IS=R+M+P+AGE+IIS+C$ .

A modalidade das línguas (i.e., vocal-auditiva e gestual-visual) é um aspecto de ordem altamente fonética, cabendo ser considerado em todo o processo de reformulação interlinguística, pois, diante das articulações manuais e não-manuais e das construções espaciais que as línguas de sinais possuem (QUER; STEINBACH, 2019), os esforços da memória e a recuperação das informações em relação às marcações intrínsecas aos espaços de sinalização, além da compreensão e da produção propriamente dita, poderão ser impactados. Essa constatação, porém, insere-se como um ponto balizador da discussão e não um fator que instale exotismo à interpretação envolvendo línguas de sinais.

Um dos processos interpretativos intermodais considerados, pelos próprios intérpretes, como de maior dificuldade hospeda-se na direção da língua de sinais para a língua vocal, denominado vocalização. Lourenço (2018, p. 2-3) descreve que, basicamente, nessa operação, “o intérprete passa a se posicionar de frente para o emissor da mensagem, pois sua compreensão do texto de partida [texto-fonte] é visual e ele deve estar atento a todos os recursos e construções espaciais empregados no discurso sinalizado”. Assim, o profissional necessitará compreender as informações expressas quadridimensionalmente, armazená-las e organizá-las para, então, produzi-las, linearmente, conforme a estrutura e a sistematização da língua-alvo. Em uma IS, todo esse processamento ocorre em um pequeno intervalo de tempo.

Gomes (2020, p. 120-21), a partir de um questionário respondido por intérpretes ouvintes intermodais brasileiros, compilou 10 (dez) pontos que justificariam possíveis motivos pelos quais os profissionais não se sentiriam confortáveis em atuar na direção da Libras para o português. Alguns desses pontos, inclusive, se assemelham aos que Nicodemus e Emmorey (2013) catalogaram na pesquisa com intérpretes intermodais em contexto estadunidense. São eles: (i) maior prática na sinalização; (ii) baixa formação fornecida

e obtida na direção da Libras para o português; (iii) desconhecimento do assunto abordado pelo orador na língua-fonte; (iv) desconhecimento de léxicos e termos na língua-fonte; (v) escolhas lexicais na língua-alvo; (vi) conjuntura gramatical da língua-fonte e da língua-alvo; (vii) velocidade de fala em língua de sinais como língua-fonte; (viii) incompreensão da datilologia; (ix) reduzido controle do tempo na interpretação; e (x) aspectos psicofisiológicos (e.g., memória, insegurança, ansiedade, pressão social).

Desses itens, pelo menos três deles, o (iv), o (v) e o (viii), podem se confluir diretamente com um dos potenciais problemas relatados na literatura de IS nos pares linguísticos vocais-auditivos, os nomes próprios de pessoas.

Segundo Simon (2019), essa adversidade pode ser acentuada, primeiramente, pela pronúncia, uma vez que não é incomum os intérpretes se depararem com emissões incompreensíveis, seja pelo sotaque do orador, seja pela velocidade de fala. Ainda, o fato de os nomes não estarem acompanhados explícita ou implicitamente por conhecimentos ou informações complementares, seja por parte do orador, seja por parte do intérprete.

Por essa razão, tal dificuldade pode avolumar os esforços que os intérpretes realizam, principalmente o da memória de curto prazo, que tentará concentrar os nomes próprios de pessoa, em sua forma acústica (i.e., entre as línguas vocais) e em seu significado. A intenção desse procedimento é o resgate da pronúncia correta da palavra, ou aguardar que informações contextuais positivas colaborem para o seu entendimento.

Considerando esses pressupostos, verifica-se, neste artigo, como os intérpretes intermodais lidam com nomes próprios nacionais e nacionalizados de pessoas no processo de vocalização simultânea.

## **2. Os nomes próprios de pessoas e a interpretação simultânea**

Os nomes, assim como o ato de nomear, são basilares e importantes para que quaisquer interlocutores consigam socializar e interagir. Por isso, os nomes próprios de pessoas se constituem como um item lexical semântico e cultural capaz de particularizar e representar os seus nomeados.

Wild (2017) aponta que essa identificação nominal ocorrerá em qualquer língua, seja de modalidade vocal-auditiva, seja de modalidade gestual-visual. No caso das línguas de sinais, concebe-se que essa nomeação pode ser designada como sinal-pessoal, sinal de pessoa ou sinal de batismo. A

autora supracitada salienta que essa marcação nominal é outorgada, por surdos, aos membros da comunidade surda ou demais pessoas que necessitem ser referenciados por esse grupo.

No entanto, é importante esclarecer que, nas línguas de sinais, não há uma unicidade entre o sinal destinado a uma pessoa e o nome da mesma. Logo, a nomenclatura “sinal-nome”, comumente encontrada na literatura, como em Wild (2017), em Barros (2018) e em Rech (2020), não será aplicada neste trabalho.

Defende-se, conforme postulado por autores como Meadow (1977), Mindess (1990), Supalla (1990) e, mais recentemente, por Gomes (2020, p. 54), que “os sinais-pessoais são legítimos fenômenos, estritamente linguísticos-culturais e identitários dessas línguas, sendo instituídos e empregados em um caráter de referência aos sujeitos”. Assim, esses sinais-pessoais emergem e se consolidam da mesma forma que os nomes. Segundo Börstell (2017), para que as pessoas se identifiquem a partir do seu nome, será necessário utilizar a datilografia ou soletração manual. Esse recurso, presente nas línguas de sinais, viabiliza a reprodução literal das palavras, por meio, principalmente, das configurações de mão e dos movimentos.

O referido autor argumenta que os sinais-pessoais, ao serem idealizados, elaborados e atribuídos, não manifestam, necessariamente, motivação direta parcial com a iniciação em uma configuração de mão do alfabeto, ou direta integral com o nome na língua vocal. Ainda, podem invocar, concomitantemente ou não à configuração de mão referida ao nome, características de ordem comportamental, corporal ou física.

Corroborando essa afirmação, em contexto nacional, a partir da disponibilização de 34 (trinta e quatro) entrevistas com surdos, pertencentes ao Inventário de Libras da Grande Florianópolis, Sousa et al. (2020) constataram que os sinais-pessoais foram motivados, sobretudo, pela condição física dos sujeitos. Barros (2018), por sua vez, ao entrevistar 113 (cento e treze) pessoas surdas e ouvintes, sendo discentes e servidores docentes e intérpretes da Universidade Federal de Goiás e do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez de Goiás, ambos em Goiânia, detectou que a maioria das identificações pessoais em Libras ocorria pelo uso da letra do nome aditada de algum aspecto físico. Rech (2020), ao analisar 92 (noventa e dois) sinais-pessoais de personagens da Bíblia, extraídos do Manual do Clamor, encontrou dados semelhantes aos de Barros

(2018), em que a grande maioria é constituída pela primeira letra do nome acrescida de motivação. Contudo, nesse caso, tal motivação sucedia por acontecimentos históricos ou por funções que as referidas pessoas exerciam.

Em situações nas quais uma pessoa não possui o sinal-pessoal ou os demais interlocutores do discurso não a conhecem, a tendência é que ela seja aludida em língua de sinais por meio do seu nome em datilologia. Entretanto, mesmo possuindo um sinal-pessoal, é perfeitamente factível que a pessoa seja apresentada ou se apresente empregando o sinal-pessoal e o nome pela soletração manual. Inclusive, essa postura em apresentar as duas informações nominais pode mitigar as restrições de acesso às referências citadas nos enunciados pelos oradores.

Nesse ínterim, em processos intermodais de reformulação linguístico-cultural, quando os nomes próprios de pessoas surgem a partir do sinal-pessoal, o intérprete mobiliza ações, independentemente da direção interpretativa posta. Petitta et al. (2018) arrazoam que, na interpretação da língua de sinais para a língua vocal, se o profissional não reconhece ou esquece o sinal da pessoa mencionada no enunciado, a tendência é que haja, imperativamente, a omissão, ou até mesmo, o erro do nome na língua-alvo. Nessa situação, o intérprete poderia, no máximo, recorrer a alguma referência à pessoa, mas desprovida da devida identificação nominal.

Um ponto que incide na vocalização e se assemelha aos desafios enfrentados pelos intérpretes intramodais vocais-auditivos é a questão da pronúncia dos nomes. Ao passo que esses possuem um retorno auditivo da dicção do orador quanto à palavra, os intérpretes intermodais não possuem essa disponibilidade de informação sonora, podendo suscitar uma pronúncia claramente independente e adaptada à língua-alvo.

Petitta et al. (2018) discutem também que, comumente, os sinais de pessoas não demonstram, de imediato, pistas em relação ao gênero, tornando-se um complicador para o intérprete nessa direção, caso o orador não o assinale especificamente em seu discurso.

Na direção da língua vocal para a língua de sinais, ainda que o intérprete produza as informações somente com o sinal-pessoal, o público pode desconhecer a pessoa e não ratificar a nomeação na íntegra. Todavia, se o profissional não souber o sinal da pessoa, poderá empregar a datilologia do nome anunciado. Ainda assim, não havendo a compreensão clara do referido nome e/ou sobrenome, manifestada pelo orador, existe a propensão para que

ocorra uma omissão do mesmo ou a execução de uma soletração manual inconclusiva ou equivocada.

Diante da constituição desses itens lexicais e da utilização e condução dos mesmos em interpretações simultâneas, é notório que pode existir uma ampliação do esforço de compreensão e da memória de curto prazo, a fim de organizar e de resgatar todas as informações oriundas da língua-fonte, e produzi-las na língua-alvo.

### 3. Metodologia

O presente estudo insere-se em uma abordagem quantitativa, pois, além de propiciar o fomento de novas informações para a área em questão, prima-se, sobretudo, pela objetividade e pela aferição dos dados. Segundo Gil (2017), por meios estatísticos e gráficos, a manipulação e o tratamento numérico desses dados concederão a descrição e a explanação do fenômeno encontrado.

Admitindo que os nomes próprios de pessoas são itens desafiadores na IS e que, em processos intermodais, essa identificação nominal pode ocorrer por meio de sinais-pessoais e/ou nomes em datilologia, situações reais de interpretação em processo de vocalização, documentadas em áudio e em vídeo, foram selecionadas para a discussão proposta.

O material em questão é de domínio público e trata-se do V e o VI Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa e do I e II Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, todos promovidos pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2016<sup>4</sup> e em 2018<sup>5</sup>. Essas conferências acadêmicas são reconhecidas por estudantes, pesquisadores, professores e profissionais da área por debaterem questões inerentes à mesma e, por isso, relativamente próximas ao conhecimento dos intérpretes. No entanto, essa amostra escolhida pode ser considerada por conveniência, e não probabilística, visto que não houve, pelo autor deste trabalho, o estabelecimento de quaisquer critérios para a seleção dos profissionais que atuaram nos eventos e, portanto, não é possível definir um perfil desses participantes. Mesmo assim, os resultados podem trazer observações significativas a respeito do trabalho desses intérpretes.

---

<sup>4</sup> Os materiais podem ser encontrados em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174517>

<sup>5</sup> Pode-se encontrar em: <https://www.youtube.com/channel/UC2X37edVx3H3i4uPPwBtSTQ>

Nesse sentido, para a amostragem da pesquisa, contemplando palestras e comunicações orais proferidas em Libras e interpretadas para o português, foram arrolados 17 (dezessete) materiais interpretativos de 2016 e 30 (trinta) de 2018, totalizando 47 (quarenta e sete). Esse quantitativo seria maior, porém os vídeos que possuem a apresentação ou a interpretação em outras línguas que não sejam estritamente o par e a direção definida (i.e., da Libras para o português), bem como apresentações culturais, e com o áudio da interpretação comprometido com ruídos ou vácuo impossibilitando o acesso para a análise, foram descartados do estudo.

Todo esse material foi salvo por meio de *download* das plataformas em que estavam hospedados, assistidos e operados com o Adobe Premiere Pro (versão 2018) para que houvesse a regulação da velocidade de fala e a marcação temporal das mesmas. Feito isso, os dados foram categorizados nas duas línguas.

O primeiro escopo compreende as formas em que a identificação nominal emergiu em Libras, engendradas pelos oradores, sendo rotuladas da seguinte forma:

Quadro 01 – Categorias dos estímulos nominais em Libras

RÓTULO	DESCRIÇÃO
S	Emissão somente do sinal-pessoal
D<Nome>	Emissão somente da datilologia do nome
D<Sobrenome>	Emissão somente da datilologia do sobrenome
D<Nome + Sobrenome>	Emissão somente da datilologia do nome e do sobrenome
S + D<Nome>	Emissão do sinal-pessoal acompanhado da datilologia do nome
S + D<Sobrenome>	Emissão do sinal-pessoal acompanhado da datilologia do sobrenome
S + D<Nome + Sobrenome>	Emissão do sinal-pessoal acompanhado da datilologia do nome e do sobrenome
D<Nome> + S	Emissão da datilologia do nome seguida pelo sinal-pessoal
D<Sobrenome> + S	Emissão da datilologia do sobrenome seguida pelo sinal-pessoal



D<Nome + Sobrenome> + S Emissão da datilologia do nome e do sobrenome seguida pelo sinal-pessoal

*Fonte: Elaborado pelo autor*

Diante desse panorama, foi constatado um montante de 246 (duzentos e quarenta e seis) ocorrências, sendo 83 (oitenta e três) provenientes dos congressos de 2016 e 163 (cento e sessenta e três) das conferências de 2018.

A segunda catalogação abarca as respostas emitidas em português pelos intérpretes, frente aos estímulos nominais recebidos:

Quadro 02 – Categorias da produção em português dos intérpretes

RÓTULO	DESCRIÇÃO
Nome	Produção somente do nome
Sobrenome	Produção somente do sobrenome
Nome + Sobrenome	Produção do nome e do sobrenome
Omissão	Quando há a omissão do nome e/ou do sobrenome
Expressão referencial	Produção de alguma expressão referencial (e.g., pronome, autor) em substituição ao nome e/ou sobrenome
Erro	Produção equivocada do nome e/ou do sobrenome
Titulação + Nome	Produção com a inserção de um título (e.g., professor) acrescido do nome
Titulação + Sobrenome	Produção com a inserção de um título (e.g., professor) acrescido do sobrenome
Titulação + Nome + Sobrenome	Produção com a inserção de um título (e.g., professor) acrescido do nome e do sobrenome
Outros	Produção em uma maneira não contemplada pelas demais categorias

*Fonte: Elaborado pelo autor*

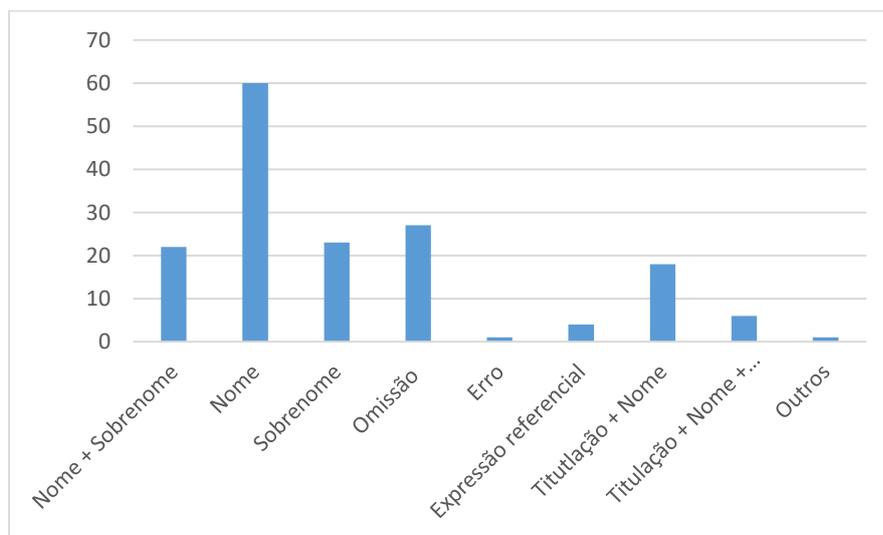
Admitindo as categorizações realizadas, na próxima seção, os dados encontrados serão problematizados.

#### 4. Resultados e Discussão

Este artigo demonstra que as marcações nominais de pessoas em línguas de sinais podem ocorrer pelo emprego do sinal-pessoal, da datilologia e da combinação entre eles. Nesse sentido, a vocalização dos intérpretes em modo simultâneo de interpretação será impactada.

Quando o insumo de partida na língua-fonte é o sinal-pessoal — fenômeno altamente linguístico-cultural das línguas de sinais e que não possui equivalência direta com os nomes e/ou sobrenome das pessoas —, os intérpretes não conseguem dimensionar exatamente uma única resposta para tal. Por isso, conforme o Gráfico 01, constata-se uma diversidade de produções.

Gráfico 01 - Ocorrência das respostas motivadas pelo estímulo de partida “Sinal”



Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse gráfico, uma manifestação bastante expressiva por parte dos intérpretes foi somente do “Nome”, com 60 (sessenta) ocorrências.

A fim de verificar se esse era, de fato, um comportamento dos profissionais ou tratava-se de uma atuação pontual de um ou outro intérprete em determinadas palestras ou comunicações orais, foi realizada uma análise estatística por meio do Teste de Wilcoxon, utilizando o software SPSS (*Sta*



tistical Package for the Social Sciences), evidenciado na Tabela 01.

Esse teste de hipóteses foi escolhido por ser não-paramétrico, na medida em que não houve critérios definidos de seleção, pelo pesquisador, da

Tabela 01 – Compilação estatística para a resposta de "Nomes" a partir do sinal-pessoal

Estatísticas de teste<sup>a</sup>

	[Nome] vs. [Nome + So- brenome]	[Nome] vs. [Sobre- nome]	[Nome] vs. [Titulação]	[Nome + So- brenome] vs. [Sobre- nome]	[Nome + So- brenome] + [Sobre- nome] vs. [Titulação]	[Sobre- nome] + [Titula- ção]
Z	-2,913 <sup>b</sup>	-2,345 <sup>b</sup>	-2,071 <sup>b</sup>	-,095 <sup>c</sup>	-,161 <sup>b</sup>	-,269 <sup>b</sup>
Significân- cia Sig. (bi- lateral)	,004	,019	,038	,924	,872	,788

a. Teste de Classificações Assinadas por Wilcoxon.

b. Com base em postos positivos.

c. Com base em postos negativos.

Fonte: Elaborado pelo autor

amostra (i.e., intérpretes que atuaram nas conferências acadêmicas). Ele consiste em emparelhar os dados elegidos e que possuem alguma dependência entre si, sendo, nesse caso, os de "Nome", em função da maior ocorrência, com as demais categorias gerais. Tal dependência é constatada, uma vez que os intérpretes foram expostos às mesmas situações, não havendo, assim, diferença entre a amostra e os estímulos a eles apresentados.

Para cada par, uma hipótese nula (i.e.,  $H_0$ ), que acomodaria a equivalência entre as variáveis, e outra alternativa (i.e.,  $H_1$ ), que marcaria uma variável sendo maior ou menor que a comparada, são formuladas. A maneira de atestar se os resultados encontrados são expressivos ou não é adotar um nível de significância (e.g.,  $\alpha = 0,05$ ) e compará-lo ao valor detectado, recomendando que ela é 95 % (noventa e cinco por cento) confiável. Se o número identificado no teste for menor ou igual ao nível de significância, a hipótese

nula tende a ser rejeitada. Caso seja maior ou igual, essa hipótese não deve ser descartada.

No cotejo dos pares de dados, detectou-se que existe significância estatística na comparação das condições [Nome] vs. [Nome + Sobrenome] ( $Z = -2,913$ ,  $p < 0,01$ ); [Nome] vs. [Sobrenome] ( $Z = -2,345$ ,  $p < 0,05$ ); e [Nome] vs. [Titulação] ( $Z = -2,071$ ,  $p < 0,05$ ). Tais resultados balizam que há, efetivamente, uma diferença de comportamento dos intérpretes, no que se refere ao uso de apenas “Nome” como resposta ao se defrontarem somente com um sinal-pessoal. Essa, portanto, é a maneira mais empregada por esses profissionais.

Em contrapartida, a comparação das outras categorias gerais evidenciou não haver diferença estatística significativa, quando cotejadas as condições [Nome + Sobrenome] vs. [Sobrenome] ( $Z = -0,95$ ,  $p > 0,05$ ); [Nome + Sobrenome] vs. [Titulação] ( $Z = -1,61$ ,  $p > 0,05$ ); e [Sobrenome] vs. [Titulação] ( $Z = -2,69$ ,  $p > 0,05$ ). Isso corrobora que inexistente uma distinção de comportamento desses intérpretes no que se refere à aplicação das outras formas ao interpretar um sinal de pessoa para o português.

A análise estatística empreendida denota que, em conferências acadêmicas, os intérpretes constituintes dessa amostra tendem a produzir, na vocalização da Libras para o português, mais (primeiros) nomes ao se depararem com um sinal-pessoal. Ainda que não haja dados adicionais como entrevistas ou relatos retrospectivos da tarefa de interpretação, pelo fato desse material ter sido retirado de um repositório de domínio público de 2016 e de 2018, é plausível levantar algumas argumentações.

Uma delas seria a aproximação do sinal da pessoa ao nome, exclusivamente. Embora não seja impreciso, Petitta et al. (2018) orientam que, eventualmente, ao reconhecer a pessoa, os nomes assumem uma associação egrégia ao sinal-pessoal, colaborando para o esquecimento ou desconhecimento do sobrenome dessa pessoa.

Esse aspecto pode ser reportado pelo processamento natural da linguagem, pois sabe-se que, em nível lexical, as palavras utilizadas com maior frequência podem ser ativadas mais rapidamente. Assim, se o sobrenome da pessoa não for familiar, o mesmo não estará facilmente disponível ao léxico mental do intérprete. Entretanto, como não houve um estudo empírico-experimental a respeito, não é possível estabelecer qualquer (des)conexão entre o comportamento apresentado e a carga ou o esforço cognitivo dos profissionais.

Outra ponderação é quanto à adequação textual e contextual. Em conferências acadêmicas realizadas no Brasil, é perceptível uma tendência de que as pessoas são aludidas a partir do uso de nome e sobrenome, distintamente de outras localidades e nacionalidades em que somente o sobrenome é compatível a referenciar alguém. Esse ponto é importante ser ressaltado, pois, de acordo com Viera (2017), a normatização linguística, discursiva e de citação no âmbito acadêmico é uma das engrenagens que contribuem para se instituir e alicerçar um diálogo mais específico e profícuo entre os seus membros. Logo, é pertinente refletir sobre os resultados encontrados, nos quais os (primeiros) nomes de pessoa são empregados demasiadamente como mecanismo de referência, ao receberem somente um sinal-pessoal na Libras, em um contexto que notoriamente privilegia o uso de nome e sobrenome.

Além de propor reflexões quanto ao possível grau de (des)conhecimento dos intérpretes para com a estrutura protocolar da conferência acadêmica, cabe pontuar que, em outras esferas de atuação, sobretudo as comunitárias, como o ambiente educacional, existe a tendência em manifestar apenas o primeiro nome como forma de referência pessoal. Isso sucede em razão, muitas vezes, das relações de proximidade e de vínculo presentes no contexto e também das práticas cultural-discursivas comuns no Brasil.

Nesse íterim, parece existir, por decisão ou automatização dos intérpretes, a inserção de práticas comuns a outros contextos para/na atuação em conferências acadêmicas. Esses aspectos podem reforçar a concepção de que a atuação dos intérpretes se constitui, afinal, como um comportamento, um tipo de conhecimento procedimental, conforme Gile (2009b) destaca.

Diante do exposto, uma manifestação provavelmente mais apropriada às conferências acadêmicas seria o uso da locução “Nome + Sobrenome”. Para que o intérprete alcance essa produção é necessário, primeiramente, que compreenda o sinal-pessoal emitido na língua-fonte e encadeie essas informações. O acesso e o contato a quaisquer materiais escritos, seja com antecedência, seja no momento da enunciação, como ocorre na interpretação simultânea com suporte do texto, poderia ser um apoio documental.

Outra resposta encontrada e categorizada no Gráfico 01 é o uso somente de “Sobrenome”. Essa prática é culturalmente marcada em países europeus e norte-americanos, cuja identificação nominal das pessoas está prontamente atrelada às suas obras científicas e profissionais. Destarte, esse tipo

de referência pessoal também é frequentemente encontrado em contextos de conferências acadêmicas. É presumível esse posicionamento, em função de ser, geralmente, por meio do sobrenome, que pessoas são reconhecidas em seus trabalhos e em suas publicações.

Pode-se verificar também que as ocorrências das respostas dos intérpretes deste estudo como “Sobrenome” e “Nome + Sobrenome” são próximas quantitativamente, 23 (vinte e três) e 22 (vinte e dois), respectivamente, sugerindo, segundo o Teste de Wilcoxon, não existir uma diferença significativa na distribuição de uso dessas duas formas.

Comportamento semelhante foi verificado no uso do nome precedido pela titulação, ao usarem “professor” como expansão à identificação nominal. Essa medida configura um mecanismo informacional complementar para que o público-alvo entenda quem está sendo mencionado, além de ser um tipo de registro bastante frequente na academia, ao referenciar professores e pesquisadores. Independentemente do emprego da titulação, é necessário que haja a menção nominal, para que a informação não se figure genérica e com baixa relevância.

Cabe notar que, dentre as possibilidades de titulação com identificação pessoal, o nome também foi o mais empregado e a “Titulação + Sobrenome” não foi exposta por nenhum intérprete. Afinal, esse último tipo de uso não é culturalmente comum no Brasil.

Uma categoria interessante e funcional, apesar de pouco encontrada, somente 4 (quatro) e com significação pronominal, foi a “Expressão Referencial”. Ela consiste na clarificação e na potencialização de informações do discurso, reduzindo a repetição dos mesmos léxicos. Apesar da vantagem textual desse recurso, Smith e Federmeier (2018) reconhecem que a referência, ainda que associada rapidamente ao precedente, imputa maior custo cognitivo no processamento mental de compreensão e de produção do falante. Isso porque ele precisará recuperar a entidade mencionada e substituí-la, de maneira instantânea, por um outro léxico não tão explícito. Dessa forma, na IS, por exemplo, o mais simples e menos dispendioso para o intérprete seria a produção nominal da palavra, mesmo havendo recorrência sistemática dos nomes na língua-alvo.

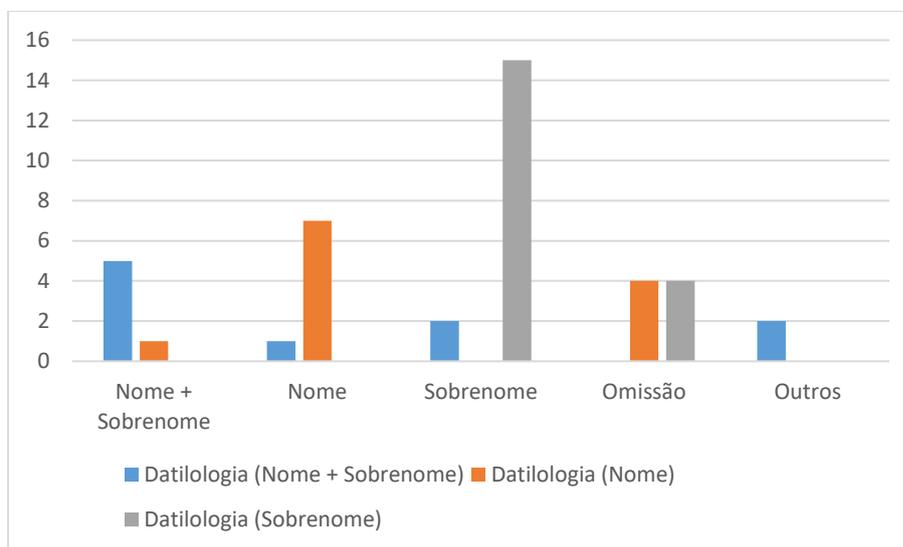
O Gráfico 01 também apresenta a alta ocorrência de “Omissões”, consideradas, contemporaneamente, além de ausência de léxicos, quando comparados o texto-fonte e o texto-alvo, como estratégias (in)conscientes

realizadas pelos intérpretes (NAPIER, 2015; BARBOSA, 2020), e baixa incidência de “Erros”, tidos como distanciamento ou transvio do que é posto na língua-fonte e manifestado na língua-alvo. Os dados por si sós não permitem detectar com precisão a origem e a razão de tais respostas. Todavia, eles indicam que, frente às dificuldades impostas pela interpretação simultânea, os intérpretes preferem omitir, em detrimento de errar, atestando um comportamento de *expertise*, que consiste no aperfeiçoamento de práticas e de habilidades com intenções pontuais. Quando os intérpretes são novatos ou aspirantes à profissão, geralmente propendem a manifestar na língua-alvo exatamente tudo o que encontram na língua-fonte, compreendendo efetivamente ou não as informações recebidas.

Nesse mesmo gráfico, a categoria “Outros” contempla uma ocorrência que não se enquadrou nas demais, em que há, durante a produção do intérprete, a menção do nome e posterior substituição pelo sobrenome.

A segunda maneira de evidenciar uma identificação nominal em línguas de sinais é por meio da datilologia, na qual as configurações de mão, o movimento e a localização, três parâmetros fonológicos basilares dessas línguas, irão reproduzir literalmente a palavra da língua vocal. Assim, o Gráfico 02 demonstra as respostas dos intérpretes em português a partir desse estímulo na Libras que sucederam somente do nome, somente do sobrenome e da junção entre o nome e o sobrenome.

Gráfico 02 - Ocorrência das respostas motivadas pelo estímulo de partida “Datilologia”



Fonte: Elaborado pelo autor

A maior ocorrência em Libras e em português foi pela datilologia do sobrenome, alinhando a uma possível relação com o que o público-alvo encontra nas referências de publicações e, até mesmo, com o que os intérpretes poderiam ter acessado nos materiais em suporte escrito exibidos nas apresentações.

Percebe-se que os profissionais tenderam a acompanhar exatamente o que receberam da língua-fonte. Esse é um ponto que merece ser sublinhado, pois pode ser indicativo de uma economicidade quanto aos recursos cognitivos sensibilizados no ato interpretativo, já que, ao gerenciar a própria atuação, poderiam estar evitando despender um esforço adicional de reformulação da mensagem.

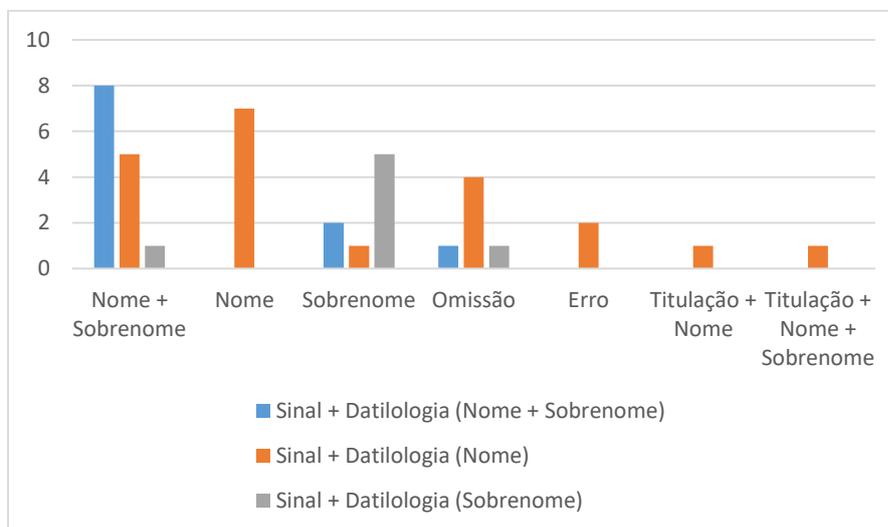
Contudo, ao receber um tipo de datilologia, também houve a existência de uma adição ou supressão de um léxico que constituiria o nome da pessoa. Quando o insumo era “Nome + Sobrenome”, ocorreu a manifestação somente do “Nome” e somente do “Sobrenome”, e na ocasião da soletração manual feita para o nome, a expressão de “Nome + Sobrenome”. Somente o “Sobrenome” não foi produzido diante de outro estímulo de partida que não tenha sido esse. Frente à baixa frequência deles, não é cabível inferir

qualquer explicação para a razão dessa escolha. Uma mesma quantidade de omissões ocorreu quando a datilologia foi aplicada apenas para o nome e para o sobrenome. O caso de nome acrescido de sobrenome não foi verificado. Ainda, não houve ocorrência de erros, de expressões referenciais e de titulações nessas respostas.

Estritamente à datilologia de “Nome + Sobrenome”, dois resultados se encaixaram como “Outros”, pelo fato de existir uma retificação nas produções dos mesmos.

Mais uma forma para identificar pessoas em línguas de sinais é o emprego da aglutinação entre o sinal-pessoal e a datilologia. Ainda que aparente ser um tanto quanto redundante, visto que a intenção é marcar a mesma pessoa e colaborar com o acesso informacional ao público-alvo, ambos os signos são distintos. No Gráfico 03 observa-se a ocorrência do “Sinal + Datilologia” em Libras e as respostas proferidas pelos intérpretes em português.

Gráfico 03 - Ocorrência das respostas motivadas pelo estímulo de partida “Sinal + Datilologia”



Fonte: Elaborado pelo autor

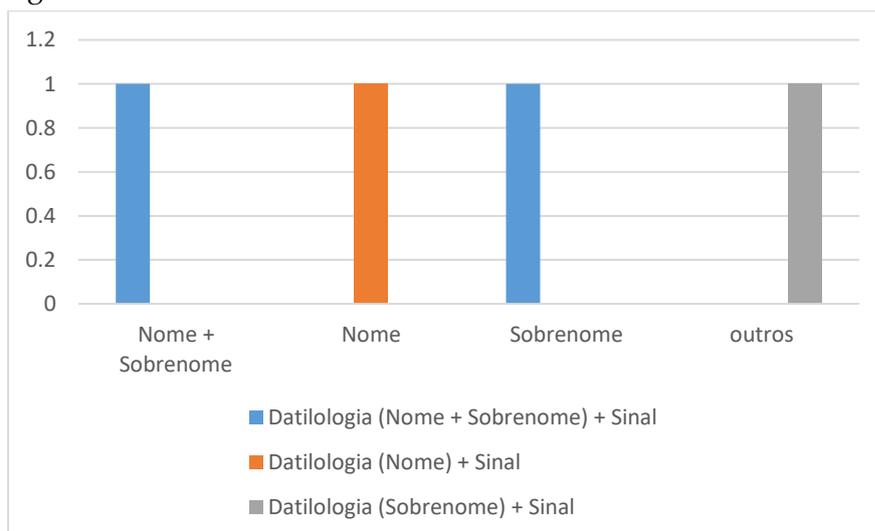
Pode-se constatar uma semelhança, em função da variedade de respostas na língua-alvo, com o Gráfico 01, quando somente o sinal-pessoal era emitido, ratificando a questão anterior que, quando o intérprete se depara

com um léxico que não possui equivalência imediata em português, esse profissional precisa deliberar, em um pequeno intervalo de tempo, qual posicionamento irá assumir. Afinal, por ora, ele não sabe se haverá ou não a inserção da datilologia, que pode ser tanto um alento para deslindar e corroborar o sinal-pessoal quanto um item problemático e confundidor.

Em todas as ocasiões nas quais a individualidade da datilologia de “Nome e Sobrenome”; “Nome”; e “Sobrenome” revelou-se, elas foram prevaletentes na manifestação dos intérpretes. A locução “Sinal + Datilologia (Nome)” foi a mais encontrada em Libras, remetendo a um maior número de omissões e de erros. Não obstante, de maneira geral, a preferência pela interpretação de nomes acompanhados de sobrenomes se realçou, permitindo insinuar uma tomada de consciência dos intérpretes em reformular a combinação nominal, conforme a conferência acadêmica geralmente imputa. Ainda assim, salienta-se a necessidade de examinar em estudos adicionais até que ponto a datilologia subsequente ao sinal interfere na produção linguística dos nomes próprios de pessoas em tarefas de vocalização.

Por fim, outro sintagma nominal pode indicar a marcação das pessoas em línguas de sinais, sendo a datilologia precedente ao sinal-pessoal, como o Gráfico 04 exprime.

Gráfico 04 - Ocorrência das respostas motivadas pelo estímulo de partida “Datilologia + Sinal”



Fonte: Elaborado pelo autor

Embora a ocorrência desse insumo nos dados seja pequena, a mesma se assemelha um pouco com o Gráfico 02, no qual somente a datilologia era emitida. Nessa ocasião, o profissional reporta exatamente o léxico da Libras, furtando-se a adicionar ou subtrair informações, o que provavelmente lhe implicaria um maior esforço cognitivo. Por isso, sugere-se que o intérprete delibera a sua resposta pelo primeiro insumo recebido, não sendo imprescindível, nesse caso, o sinal-pessoal.

Em “Outros”, localiza-se uma passagem para a ocorrência “Datilologia (Sobrenome) + Sinal”, em que a soletração manual do sobrenome feita em Libras foi exatamente preservada na expressão em português. Todavia, quando o sinal, que se refere à mesma pessoa, também foi realizado, a interpretação reprisa essa informação, porém, com o nome e com o acréscimo de uma titulação (i.e., professora). Nesse caso, o sinal-pessoal aparenta um mecanismo de esclarecimento e de validação que foi externado ao público-alvo, avocando uma característica expansiva de informações.

## 5. Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo principal identificar, quantificar e categorizar as marcações nominais em Libras, pronunciadas por oradores em conferências acadêmicas nacionais da área de tradução, interpretação e linguística de línguas de sinais, e as respostas geradas em português, pelos intérpretes, a partir desse insumo linguístico em uma tarefa simultânea de vocalização.

Essa temática foi suscitada pelo fato da literatura de IS intramodal vocal-auditiva salientar que os nomes próprios de pessoas são considerados problemas aos profissionais durante a atuação (GILE, 2009; SIMON, 2019). Entretanto, ainda não havia estudos dessa natureza em que pares linguísticos intermodais fossem abordados, uma vez que, em línguas de sinais, esses itens podem se materializar pelos sinais-pessoais e pela datilologia do nome e/ou sobrenome. Além disso, as interpretações simultâneas na direção da Libras para o português são consideradas desafiadoras, não sendo preferidas por esses intérpretes, como destacam Lourenço (2018) e Gomes (2020).

Nesse espectro, os dados deste estudo, que aborda os nomes próprios nacionais e nacionalizados de pessoas, apontam que os intérpretes se inclinam a produzir somente o nome da pessoa quando são apresentados ao sinal-pessoal. Ainda que seja um comportamento prosaico dos profissionais, não parece figurar em harmonia com o ambiente acadêmico do público-alvo

em português, uma vez que a referência pessoal nesses contextos é delimitada por marcações abrangendo também o sobrenome. Outro resultado oriundo ao estímulo do sinal-pessoal é o verossímil uso regular do nome acompanhado do sobrenome, somente do sobrenome e a titulação junto ao nome, não preconizando qualquer distinção entre tais ocorrências. Ademais, as omissões também se sobressaíram, reforçando uma suposta cautela dos intérpretes em manifestar alguma informação sobre a qual não se possui certeza ou que não foi entendida.

Quando o estímulo nominal na Libras ocorre somente pela datilologia, percebe-se que os intérpretes expressam em português exatamente o foi recebido, sem tantas variações.

Em relação ao sinal-pessoal seguido da datilologia na língua-fonte, consta-se que o insumo determinante na produção do intérprete é o primeiro que aflora (i.e., o sinal), uma vez que os demais dados são próximos aos detectados quando havia somente o sinal-pessoal. Não obstante, nesse caso, a soletração manual tenciona como um suposto adendo que pode contribuir com o processo de compreensão da mensagem. Por isso, a incidência de respostas como “Nomes” e “Nomes e Sobrenome” divergiu um pouco.

No estímulo da datilologia anteposta ao sinal-pessoal, a soletração manual, primeiro insumo recebido pelo intérprete, será decisiva na expressão do profissional. Contudo, como as ocorrências dessa categoria são reduzidas, as proposições a respeito delas são bastante restritas, podendo ser objeto de novas pesquisas.

Em posse dos mesmos materiais interpretativos, Gomes (2020) averiguou o comportamento dos intérpretes em relação às categorias elencadas em Libras para os nomes próprios estrangeiros de pessoas, asseverando não existir, em geral, grandes dissemelhanças aos nomes nacionais e nacionalizados. Entretanto, nas situações em que o sinal-pessoal era o único estímulo apresentado, a produção do sobrenome se sobressaiu, ainda que quantitativamente tenha sido menor se comparada às ocorrências realizadas pelos nomes nacionais e nacionalizados. Outrossim, para os nomes estrangeiros, houve incidência da “Titulação com Sobrenome”.

Finalmente, por meio do presente estudo, depreende-se uma grande diversidade de ocorrências e de respostas de nomes próprios nacionais e nacionalizados de pessoas em pares linguísticos intermodais, a qual pode impactar o processo de vocalização dos intérpretes na interpretação

simultânea. Além disso, sugere-se a promoção de estudos empírico-experimentais e mais estudos de situações reais interpretativas, seja neste contexto de conferência acadêmica, seja em outros, com a finalidade de corroborar ou contrastar os resultados encontrados aqui e, também, na direção do português para a Libras (i.e., processo de sinalização). Todos esses movimentos contribuem, irrefutavelmente, para o crescimento e o fortalecimento dos Estudos da Interpretação.

### Referências

BARBOSA, Diego Maurício. **Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea**: Língua Portuguesa – Língua Brasileira de Sinais em contexto de conferência. 2020. 248 f. Tese de Doutorado em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219275>. Acesso em 15 set.2021.

BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – a motivação dos sinais-nomes. **Revista RE-UNIR**, v. 5, n. 2, 2018, p. 40-62. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/3092>. Acesso em 13 set.2021.

BÖRSTELL, Carl. Types and trends of name signs in the Swedish Sign Language community. **SKY Journal of Linguistics**, v. 30, 2017, p. 7-34.

CARNEIRO, Teresa Dias. Intérpretes de línguas orais e intérpretes de Libras: semelhanças e diferenças na formação, atuação e status social. **Tradução em Revista**, n. 23, 2017, p. 1-19. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32233/32233.PDF>. Acesso em 13 set.2021.

CHERNOV, Ghelly V. **Inference and anticipation in simultaneous interpreting**: a probability-prediction. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2004, p. 299.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017, p. 192.

GILE, Daniel. **Interpreting studies**: a critical view from within. MonTI Monografías de Traducción e Interpretación, 2009a, p. 135-155.

GILE, Daniel. The Effort Models of interpreting. In: **Basic concepts and models for Interpreter and Translator training**. Revised edition. Benjamins Translation Library: John Benjamins Publishing Company, 2009b, p. 157-190.

GILE, Daniel. **The Effort Models and Gravitational Model**: clarifications and update, 2020. Disponível em: <https://www.cirinandgile.com/powerpoint/The-Effort-Models-and-Gravitational-Model-Clarifications-and-update.pdf>. Acesso em 27 jul.2021.

GOMES, Eduardo Andrade. **Interpretação simultânea em conferência acadêmica**: a reformulação de nomes de pessoas da Libras para o português. 2020. 187 f. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219422>. Acesso em 10 set.2021.

LOURENÇO, Guilherme. Interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. **Tradução em Revista**, n. 24, 2018, p. 1-22. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34530/34530.PDF>. Acesso em 15 set.2021.

MEADOW, Kathryn P. Name signs as identity symbols in the deaf community. **Sign Language Studies**, n. 16, 1977, p. 237-246.

MINDESS, Anna. What name signs can tell us about Deaf culture. **Sign Language Studies**, v. 66, n. 1, 1990, p. 1-23.

NAPIER, Jemina. Comparing signed and spoken language interpreting. In: MIKKELSON, Holly; JOUDERNAIS, Renée. (Org.). **The Routledge handbook of interpreting**, London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2015, p. 129-143.

NASCIMENTO, Marcus Vinícius Batista. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa**: encontros de sujeitos, discursos e saberes, 2016, 318 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/19562>. Acesso em 13 set.2021.

NICODEMUS, Brenda; EMMOREY, Karen. Direction Asymmetries in Spoken and Signed Language Interpreting. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 16, n. 3, 2013, p. 624-636.

PAGURA, Reynaldo José. Tradução e interpretação. In: AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. (Org.). **Tradução &**: Perspectivas teóricas e práticas. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015, p. 183-207. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614.pdf>. Acesso em 13 set.2021.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Estudos da Interpretação: quem tem medo das línguas de sinais? **Tradução em Revista**, n. 24, 2018, p. 1-21. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34524/34524.PDFXXvmi>. Acesso em 13 set.2021.

PETITTA, Giulia; DIVELEY, Valerie; HALLEY, Mark; HOLMES, Marc; NICODEMUS, Brenda. “My Name is A-on-the-cheek”: Managing Names and Name Signs in American Sign Language-English Team Interpretation. **Names A Journal of Onomastics**, 2018, p. 1-14.

POINTURIER-POURNIN, Sophie. **L’interprétation em Langue des Signes Française**: contraentes, tactiques, efforts, 2014, 460 f. Tese de Doutorado, Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle, 2014.

QUER, Josep; STEINBACH, Markus. Handling sign language data: the impact of modality. **Frontiers in Psychology**, v. 10, 2019, p. 483-490.

RECH, Gabriele Cristine. A tradução dos nomes das personagens bíblicas para a Língua Brasileira de Sinais: analisando o Manual o Clamor do Silêncio. **Revista Linguística**, v. 16, n. 3, 2020, p. 404-424. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/35914/22631>. Acesso em 13 set.2021.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, v. 35, nº especial 2, 2015, p. 17-45. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em 13 set.2021.

SEEBER, Kilian G. Cognitive load in simultaneous interpreting. Existing theories – new models. **Interpreting**, v. 13, n. 2, 2011, p. 176-204.

SETTON, Robin; DAWRANT, Andrew. **Conference Interpreting: a complete course**. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 2016, p. 500.

SIMON, Thomas. **Exploring difficulties in simultaneous interpreting Insights from the English-French Louvain Corpus of Simultaneous Interpretations**, 2019, 133 f. Faculté de Philosophie, Arts et Lettres, Université Catholique de Louvain, Prom: Lefer, Marie-Aude, 2019.

SMITH, Cybelle M.; FEDERMEIER, Kara D. What does “it” mean, anyway? Examining the time course of semantic activation in reference resolution. **Language, Cognition and Neuroscience**, v. 34, n. 1, 2018, p. 115-136.

SOUSA, Alexandre Melo; OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva de; GONÇALVES-FILHO, José Sinésio Torres; QUADROS, Ronice Muller de. Antropônimo em Língua de Sinais: os sinais-nome em Florianópolis-SC, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 26, 2020, p. 112-124. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2598>. Acesso em 10 set.2021.

SUPALLA, Samuel J. The arbitrary name sign system in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 67, n. 1, 1990, p. 99-126.

VIERA, Carolina. Genre and register variation: academic conference presentations in Spanish in the United States. In: COLOMINA-ALMIÑANA, Juan J. (Org.). **Contemporary advances in theoretical and applied Spanish linguistic variation**, 2017, p. 148-162.

WANG, Binhua. Exploring approaches to Interpreting Studies. **Chinese Semiotic Studies**, v. 14, n. 2, 2018, p. 149-161.

WILD, Mollie R. **Name signs in American Sign Language**. 2017. 29 f. Monografia, Swarthmore College, Swarthmore, 2017.

### Resumo

Obras dos Estudos da Interpretação denotam que os nomes próprios de pessoas são um dos problemas encontrados pelos intérpretes na interpretação simultânea, em função, dentre outros, dos léxicos serem culturalmente compostos por dimensões fonéticas e semânticas. O propósito deste artigo é identificar os estímulos nominais de pessoas na Libras, que podem ocorrer por meio de sinais-pessoais e/ou datilologias, e verificar como os intérpretes produzem essas marcações em português na interpretação simultânea. Tal fato demonstra a diversidade de ocorrências na língua-fonte e de respostas na língua-alvo dos nomes próprios de pessoas em um par linguístico intermodal.

**Palavras-chave:** Conferência acadêmica; Estudos da Interpretação; Interpretação Simultânea Libras-português; Nomes próprios de pessoas

### Abstract

Publications of Interpretation Studies show that people's names are one of the problems encountered by interpreters in simultaneous interpretation, due, among others, to the fact that lexicons are culturally composed of phonetic and semantic dimensions. The purpose of this article is to identify how people's names are used in Libras, combining name signs and dactylology, and to verify how interpreters produce these markings in Portuguese in

simultaneous interpretation. This will demonstrate the diversity of occurrences in the source language and of responses in the target language of people's names in an intermodal linguistic pair.

**Keywords:** Academic conference; Interpretation Studies; Simultaneous Interpretation; Brazilian Sign language; People's names